

PODER NO CONTEXTO DO PARADIGMA GLOBAL: entrevista com Michael Hardt

Jean-Marc Gorelick
Walter Johnston
(entrevistadores)

Resumo

Nesta entrevista Michael Hardt debate alguns dos pontos centrais apresentados no livro *Império*, argumentando que embora a crítica anti-humanista possa ser crucial para a compreensão de nossa condição contemporânea, a ascendência de formas supranacionais de poder impõem que categorias como humanismo e democracia precisam ser reconsideradas e revitalizadas, na perspectiva de um humanismo para além do humanismo e uma democracia para além do estado-nação, para uma estratégia de mudança e resistência global.

Abstract

In this interview Hardt argues that, despite the fact that a anti-humanist critique is necessary to understanding our contemporary condition, the ascendancy of supranational forms of power requires a rethinking and revitalization of the categories humanism and democracy. The perspective would be humanism beyond liberal humanism and democracy beyond liberal democracy and the nation-state, toward a strategy of global resistance and change.

Em julho de 2001, Michael Hardt, Professor Associado junto ao Programa de Literatura da Duke University, proferiu palestra promovida pelo Programa de Direitos Humanos no Bard College. Michael Hardt, juntamente com o escritor e pesquisador italiano Antonio Negri, escreveu recentemente o livro chamado Império, o qual radicalmente repensa o poder no âmbito do paradigma global. Celebrado como O Capital da era da Internet, Império rapidamente transformou-se em vanguarda do discurso sobre globalização. Hardt e Negri argumentam que mesmo que uma crítica anti-humanista seja crucial para a compreensão de nossa condição contemporânea, a ascendência de formas supranacionais de poder necessitam uma reconsideração e revitalização das categorias humanismo e democracia, um humanismo para além do humanismo e uma democracia para além do estado-nação, para uma estratégia de mudança e resistência global. A seguir apresentamos uma entrevista com Michael Hardt, concedida após sua fala em Bard.

Entrevistadores: Em seu livro Império, vocês ao mesmo partem e são críticos de uma certa tradição anti-humanista da esquerda, incluindo formas de desconstrução, psicanálise e teoria pós-colonial. O que isso tem a ver com o problema da soberania supranacional que clama por um robusto novo humanismo para além desses anti-humanismos? Quais são algumas das formas importantes que este novo humanismo difere do velho humanismo?

Michael Hardt: Humanismo tem tido significados muito diferentes. Na tradição da filosofia ocidental há duas coisas que foram significadas como humanismo. O humanismo renascentista, especialmente na Itália, foi inicialmente um projeto de secularização. Em outras palavras, foi uma negação de uma força extra-terrena da ordem. O mundo tinha a capacidade de determinar a si mesmo. A forma política que resulta disso é aquela que acredita que humanos são capazes de construir novas formas de governo ou novas formas de sociedade. A negação da ordem divina é um aspecto desta concepção de humanismo.

É um pensamento humanista diferente daquele que os anti-humanismos da metade do Século XX tinham como objeto. Este humanismo foi a cisão do humano e da natureza como um todo. Eu rastreio isso em Espinosa, mas alguém pode encontrar isso, como você mencionou, em muitas figuras na filosofia francesa nos anos 50 e 60: Lacan, Foucault, Althusser. O objeto deste anti-humanismo é a assumpção de que a natureza humana é diferente da natureza como um todo. Este privilégio ou separação do humano é que está sendo objetado. Eu penso que esta pode vir perfeitamente nas mãos do outro humanismo.

Se alguém coloca os dois humanismos neste sentido, então um certo humanismo e um certo anti-humanismo podem efetivamente funcionar sem contradição. Eu vejo no trabalho de Foucault tanto um projeto anti-humanista, mais claramente articulado em seus primeiros trabalhos, como por exemplo em “A ordem das coisas”, quanto um projeto humanista, em seu trabalho posterior, no sentido de uma construção de si, possibilidades da criação do mundo, usando como ponto de partida processos de subjetividade. Eu vejo os dois mais como coerentes do que como contraditórios.

Entrevistadores: *Para muitas pessoas nos países do leste a palavra comunismo tem um significado muito diferente do que isso significa no seu livro. Como você re-significaria ‘comunismo’ para as pessoas das democracias emergentes da Europa do Leste?*

Michael Hardt: Eu não tenho certeza de que eles sejam democracias emergentes. Sempre há uma decisão política ou um juízo histórico-político envolvido na escolha de conceitos ou na manutenção de termos. Tomemos humanismo como exemplo. É uma questão interessante se alguém mantém um discurso sobre humanismo dado os diferentes sentidos que tem significado. É similar o caso com o conceito e termo ‘comunismo’. Todas essas tradições apresentam passados variados. Manter um termo não significa necessariamente manter todos os sentidos que lhe tem sido atribuídos.

Em muitos casos eu ficaria feliz em usar o termo ‘democracia absoluta’, ao invés de comunismo, mas há muitos aspectos que são específicos da tradição comunista que me parecem extremamente importantes e úteis. Um é a crítica à propriedade privada ou uma insistência de que a propriedade privada é um obstáculo para a democracia. Isto é comum para as tradições comunista e anarquista mas não está sempre incluído nas concepções de democracia. Nos países do bloco do leste, comunismo significou muitas coisas. Se, naquele contexto, alguém fosse julgar que o termo possuía muitas conotações que contrárias ao nosso projeto, então alguém o abandonaria. Alguém sempre tem que fazer isso com os termos.

Entrevistadores: *Em sua palestra você descreveu a diferença entre coletividade social molar e molecular. O que estas duas formas significam em relação à soberania supranacional. Como é que a forma molecular, em suas palavras, “se aproxima da realidade”?*

Michael Hardt: Há muitas maneiras de abordar a sua questão. No campo das relações internacionais e, em geral, nas considerações da Ciências Políticas sobre globalização como forma de internacionalização, tem havido, nos últimos cinquenta anos, uma escola realista dominante que entende o estado-nação como o ator principal. Este é um excelente exemplo de uma consideração molar em história social. A escola realista não pensa exatamente que os estados-nação sejam os únicos atores, mas que a eles sempre deveria ser dado um lugar de destaque no reconhecimento das dinâmicas internacionais, de tal forma que atores do tipo não-estado, sub-estado, e mesmo super-estado, na melhor das hipóteses, são secundariamente levados em consideração.

Tal visão, tanto esta visão realista convencional ou outras visões molares das dinâmicas globais que substituem outros atores amplamente agregados por estado-nação, são extremamente limitadas para reconhecer a dinâmica que está acontecendo atualmente. Para um melhor entendimento dos processos contemporâneos de globalização há que se olhar para processos muito mais variados e múltiplos que não operam por intermédio de atores amplamente agregados ou molares.

Permita-me dar alguns exemplos do que nós entendemos por dinâmicas moleculares. Poder-se-ia tentar considerar subjetividades sociais que estão mais propriamente conectadas em redes do que em instituições estáveis e centradas. Fluxos de migração funcionam por meio de redes dispersadas. Estudos de diáspora, em geral, são formas de reconhecer histórias moleculares. Deveria se dar prioridade a estes porque parecem ser os fatores mais determinantes nas tendências contemporâneas da ordem global.

Entrevistadores: Na sua fala você sugeriu que o 11 de Setembro não foi verdadeiramente algo excepcional, mas ao contrário um sintoma de uma avançada Guerra Civil global, que revelou “a inadequação de qualquer noção substancialista de soberania”. Você poderia elaborar mais sobre este ponto?

Michael Hardt: Permita-me iniciar com a noção substancialista de soberania. Esta, novamente, é uma tradição da filosofia política européia. A noção substancialista de soberania entende a soberania como poder em si. As primeiras teorias sobre a monarquia estavam baseadas na noção substancialista. O poder monárquico age sobre si próprio, tem poder em si. Nós argumentamos sobre uma concepção muito mais precisa de soberania em geral, que implica, especificamente hoje, ver soberania como uma relação entre o dominador e o dominado que envolve o consentimento do dominado tanto quanto o poder do dominador.

Uma vantagem política desta concepção é que ela deixa o poder soberano sempre aberto para sua contestação. Se soberania depende tanto do consentimento do dominado como do poder do dominador, então acima de tudo o consentimento poderia ser rejeitado. Isto garante um poder ao dominado e deixa a relação de soberania em si sempre aberta para uma guerra civil, uma insurreição, uma recusa. A concepção relacional de soberania parece naliticamente melhor do que a concepção substancialista. Também parece ser politicamente preferível porquanto indica possibilidades de lutas políticas, para uma reviravolta da forma atual de soberania ou talvez da soberania enquanto tal.

Entrevistadores: Como o 11 de Setembro está relacionado com isso?

Michael Hardt: Uma das coisas que o 11 de Setembro revelou, embora não tenha criado, é que os Estados Unidos não está separado do resto do mundo, que opera sob as mesmas condições ou na mesma realidade política do resto do mundo. Se fôssemos pensar nos Estados Unidos como soberano, ter-se-ia que pensá-lo como um país capaz de garantir segurança para seu território contra influências externas e ser capaz de exortar sua autoridade por todos os lugares.

O 11 de Setembro revelou que os Estados Unidos não é um país separado; não opera sob diferentes condições mas participa de um sistema global muito mais amplo. A tendência, de nossa parte, para ações unilaterais, tanto em operações militares quanto

econômicas e outras frentes políticas, não entende esta relação, assumindo que podemos agir como um poder soberano quando de fato não podemos. O corolário da noção de soberania com uma relação continuamente contestada é que sempre há o potencial para conflito no espaço soberano. Conflito no espaço soberano é tradicionalmente chamado guerra civil. A dificuldade com este conceito em nosso uso recente é que temos pensado guerra civil somente no espaço nacional. Neste momento temos que pensar o que guerra civil significa no espaço soberano global.

Entrevistadores: *Você sugeriu que há um potencial para que as condições de guerra civil global se transformem em lutas de libertação. Em resposta a isto, Thomas Keenan perguntou se esta virada significava tomar posição no conflito atual. Poderia explicar sua resposta novamente?*

Michael Hardt: Não há garantia de que guerras vivis no espaço soberano terão potencial de libertação. Parece-me que na década passada, pelo menos, no mínimo desde a Guerra do Golfo, temos nos defrontado com inúmeras lutas para rearranjar as hierarquias do poder global. Temos tido as forças mais poderosas do mundo combatendo algumas das forças menos dominantes do mundo. Em cada um desses conflitos, ambos os lados reivindicam ou representar os pobres do mundo ou representar a justiça e a paz. Parece-me que nenhum dos lados em qualquer desses conflitos tem feito isso. Ao contrário, ambos os lados têm estado em guerras civis dentre poderosos. Eu vejo o presente conflito deste modo. Se realmente há duas forças em conflito, vamos imaginar que o presente conflito seja entre EUA, ou uma coalizão liderada pelos EUA, contra o Al Qaeda ou uma nebulosa rede terrorista, eu não quero dizer que estas forças sejam moralmente equivalentes, mas que nenhuma delas carrega potencial libertador. Em tal conflito eu não tenho interesse algum em tomar partido por um ou outro lado.

O que me interessa é a possibilidade de um conflito que pudesse subverter mais do que reorganizar as estruturas hierárquicas da ordem global, uma luta que conduzisse à igualdade de riqueza e poder no mundo e à democratização das relações. O *slogan* poderia ser transformar as guerras civis dentre poderosos em lutas de libertação dos desapoderados. Não tenho certeza como fazer isto. Mas parece um modo positivo de ver nossa condição contemporânea, pois senão a alternativa é esperar sentado e sofrer com os conflitos inúteis dos poderosos.

Correspondência

Michael Hardt, Associate Professor, Duke University, Estados Unidos.
E-mail: hardt@duke.edu

Entrevista publicada em [Currículo sem Fronteiras](#) com autorização do autor.
Tradução de *Álvaro Moreira Hypolito*, Universidade Federal de Pelotas.
